

# A Consagração da Criatividade num mundo em (R)evolução

fburgo@eselx.ipl.pt

<sup>1</sup>Filipa Burgo

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.122>

*A imaginação leva-nos aonde os olhos não vêem,  
e a criatividade leva a Humanidade à sua existência.*

Sabemos que os desafios da educação serão um reflexo direto de um mundo em constante evolução. E sabemos que dentro de uma sala de aula – independentemente do ciclo de estudos – estaremos a preparar uma geração para os problemas que o *amanhã* trará, nessa neblina difusa do que *será*, mas que ainda não antevemos. Se a cortina da nossa era digital não permite vislumbrar com nitidez os contornos das exigências desse *amanhã* – incerto, volátil e indefinido – devemos abraçar em sala de aula o carácter mutável, aberto, flexível e questionador que o processo de ensino-aprendizagem nos traz. E questionar o que entendemos por conhecimento, no seu carácter ilusoriamente imutável e unívoco, e a vigência de paradigmas tradicionalistas, que pouco olham em seu redor:

A new consciousness is emerging. Confronted by uncertainties on all sides, man is swept up in a new adventure. We have to learn how to confront uncertainty because we live in a changing epoch where our values are ambivalent and everything is interconnected. This is why the education of the future must review the uncertainties connected with knowledge (...). (Morin, 1999, p.43)

Como poderemos – neste *Hoje* feito de diversas incertezas, ambivalências, estímulos e assimetrias sociais, culturais, tecnológicas, económicas, políticas, filosóficas, entre tantas outras – preparar-nos para as adversidades que prevemos e outras que nem sequer sonhamos? Através da criatividade. Os desafios da humanidade, nas diversas esferas, devem ser transpostos por mentes criativas, críticas e éticas, como reforçam Morin (1999) e Gardner (2008), em prol de todos.

Cabe à educação mover-se nesse sentido, de forma ética e consciente, suportando-se no que a tecnologia pode apoiar, como ferramenta para solucionar pequenos e grandes

<sup>1</sup> Artista visual, investigadora e docente de ensino superior, apaixonada pelo universo da criatividade. Licenciada em Pintura (Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2008), Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário (Universidade de Lisboa, 2012) e Doutorada em Belas-Artes: Educação Artística (Universidade de Lisboa, 2018).

problemas da Humanidade, valorizando a criatividade social (Burgo, 2018). Defendemos que “Creativity is important to research from a global educational perspective, because we need to educate professionals who are creative, to be able to handle the radical social and environmental changes of our increasingly unpredictable world.” (Morén, 2019, p.15). Por um lado, enchemos uma bancada de investigadores que entusiasticamente defendem a importância do ensino e a promoção da criatividade, sendo apresentada como objetivo na grande maioria dos currículos internacionais de educação artística de educação artística internacionais e diversos documentos educativos – Comissão Nacional da UNESCO (2006), NACCCE (1999), Comissão Europeia (2009) EURYDICE (2009), KEA European Affairs (2009) - e competência essencial para a cidadania no séc. XXI.

Também se juntam vozes da bancada corporativa – ADOBE (2013), IBM (2010) – que aplaudem a criatividade de mãos dadas com a inovação, ao vapor da competitividade. E a realidade, como é? Como são essas salas de aula ou espaços educativos onde se fazem autênticos milagres de multiplicação com escassez de recursos, num circo para cativar mentes num processo envolvente de aprendizagem, interessada, interessante e significativa?

É necessário “criativar” o modelo educativo, libertá-lo das amarras que subsistem de uma herança industrial, tão distinto e diferente da realidade e necessidades da era digital. Como podem os alunos navegar na neblina do futuro, apoiados em cartografias conceptuais (ultra) passadas? É fundamental que os currículos sejam permeáveis a estratégias, suportem a ação da agilização criativa e que apoiem os alunos numa formação informada, reflexiva, crítica e criativa, de forma a serem promotores de mudança na Pós-Modernidade.

É no colo carinhoso da Educação Artística, promotora da dissidência, da empatia (com o eu e com o outro), da singularidade, da expressão pessoal, da procura de caminhos divergentes, da pluralidade de respostas, escalas de cor (onde tantas vezes nos regramos no preto ou no branco), entre outras características tão necessárias à ação criativa, que a promoção da criatividade dos alunos, encontra um palco de ação tremendo... E deve ser motor de contágio, para outras áreas e saberes, numa simbiose de aprendizagens enriquecedoras e motivadoras.

E no que começa, esta que é uma fantástica odisséia, que navega num mar de mitos, e numa corrente de incertezas? Na desconstrução desses mitos. É certo que a ação criativa é tão antiga como a Humanidade, e que a terá feito prosperar, adaptando-se ao meio e levando o seu raio de ação cada vez mais longe. No entanto o estudo mais profundo da criatividade é relativamente recente, quando olhamos para o nosso despontar enquanto espécie. Desfeitos os mitos da criatividade para uma elite de inspirados, bafejados pelo pendor e benevolência das musas e dos deuses da criação, tomamos as rédeas da criação, da intenção e do propósito, numa viagem da religião e da filosofia à psicologia. Se há vitória (tantas!) conquistada pelo olhar sagaz da psicologia, que de manga arregaçada colocou a criatividade no seu microscópio, é a visão mais democratizada desta capacidade, universal e evolutiva, que todos possuímos – em distintos graus – e pode ser melhorada. Para Osborn (1965) é forma de resolver problemas auxiliada por um conjunto de métodos e técnicas para o seu desenvolvimento. Foi-se consolidando enquanto capacidade universal e evolutiva, manifestada em produções novas e adaptadas a um determinado contexto (Lubart, 2007). Esta produz resultados originais e de valor (NACCCE, 1999) e pode ser entendida em níveis que se referem à originalidade (novidade), fluidez (quantidade),

flexibilidade (perspetivas), elaboração (detalhe) das ideias entre outras componentes (Guilford, 1986). Para Sternberg e Lubart (2009), como algo que envolve fatores como habilidades intelectuais, conhecimento, estilos de pensamento, personalidade, motivação e contexto. Para Maslow (1968) e Rogers (1954), a criatividade seria entendida como forma de realizarmos o nosso potencial, envolvendo a aceitação de si, coragem e liberdade de espírito. A necessidade de criar, pela descoberta criativa, é acompanhada por uma emoção positiva de surpresa e satisfação, essenciais para a saúde e o bem-estar mental e emocional (Alencar & Fleith, 2003). Suprimir o progresso do potencial criativo é “limitar as possibilidades de uma realização plena e a expressão de talentos diversos” (Alencar, 2007, p. 45). E muitas são as vozes que analisam e reforçam este apaixonante fenómeno de diversas perspetivas.

Promover a educação da criatividade é dar sustento a um potencial tremendo por semear e colher. Possui em si uma possibilidade viral, de contágio de experiências e partilha de possibilidades férteis em lugares inóspitos, em tantos e diversos contextos. Aliando teoria e prática, a educação para a criatividade deve instigar a curiosidade e o ato interrogativo, numa atmosfera aberta e segura. Deve acompanhar a procura de problemas e soluções, explorar métodos e técnicas no processo consciente que leva ao devir e à materialização de ideias, da ideação, seleção, implementação à divulgação.

O estudo da criatividade, como o da sua estimulação, deve ser integrado de forma abrangente nos currículos em todos os graus de ensino, e existem unidades curriculares – como “Aprendizagem e Criatividade”, do Mestrado de Educação Artística, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa – que podem servir como referência para a formação de professores (Burgo, 2018).

Será a capacidade criativa o vento da mudança e o motor da sobrevivência, que nos permitirá transformar o nosso meio num lugar melhor para todos. Sobre as asas dos audazes, os professores, devem ser os agentes capazes de reinventar o seu (eco)sistema educativo, atendendo às vicissitudes e necessidades do mesmo.

A promoção da criatividade, dos alunos, dos professores, nos currículos, nos processos, nas metodologias, entre tantas outras componentes, deve ser uma prioridade que permita trilhar, neste metamórfico e exigente mundo, a favor de uma visão ética e da criatividade como um bem individual e social. E que frutos isso nos trará!

## Referências

- ADOBE (2013). *Barriers to Creativity in Education: Educators and Parents grade the System*. ADOBE publications.
- Alencar, E. M. (2007). Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 45–49.
- Alencar, E. M., & Fleith, D. S. (2003). Contribuições Teóricas Recentes ao Estudo da Criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19, 1–8.
- Burgo, F. (2018). *Novas Abordagens para a Criatividade no Ensino Superior Artístico* [Dissertação de doutoramento não publicada]. Universidade de Lisboa.
- COMISSÃO EUROPEIA (2009). *Competências-chave para a Aprendizagem ao Longo da Vida – Quadro de Referência Europeu*, Bélgica.
- COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Lisboa: Comissão Nacional da Unesco.
- EURYDICE (2009). *Educação Artística e Cultural nas Escolas da Europa*. Portugal: Editorial do Ministério da Educação.
- Gardner, H. (2008). *As Cinco Mentes para o Futuro*. Lisboa: Actual Editora.
- Guilford, J.P. (1986). *Creative Talent: Their Nature; Uses and Development*. Buffalo, N.Y.: Bearly.
- IBM (2010). *Capitalizing on Complexity: Insights from the Global Chief Executive Officer Study*. Somers, N.Y: IBM Corporation.
- KEA European Affairs (2009). *Impacto da Cultura na Criatividade*. Local: Direção-Geral de Educação e Cultura da Comissão Europeia (DGEAC).
- Lubart, T. (2007). *Psicologia da Criatividade*. Porto Alegre: Artmed.
- Maslow, A. (1968). *Toward a psychology of being*. New York: Van Nostrand.
- Morén, S. (2019). *Relational creativity : what can participatory art do for higher education?* [Dissertação de Doutoramento]. Umeå Universitet, Umeå. Disponível em: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:umu:diva-158652>
- Morin, E. (1999). *Seven complex lessons in education for the future*. Paris: UNESCO.
- NACCCE: NATIONAL ADVISORY COMMITTEE ON CREATIVE AND CULTURAL EDUCATION (1999). *All Our Futures: Creativity, Culture and Education*. London: DFEE.
- Osborn, A. F. (1965). *L'imagination constructive*. Paris: Dunod,
- Rogers, C. R. (1954). Toward a theory of creativity. *ETC : A Review of General Semantics*, 11, 249–260.
- Sternberg, R., & Lubart, T. (2009). The Concept of Creativity: Prospects and Paradigms. In R. Sternberg (Ed.), *Handbook of Creativity* (pp. 3-15). Cambridge: Cambridge University Press.